

u. N. V. J. S. / 25/11/45

## CONFUSÃO, APENAS CONFUSÃO...

De EVARISTO DE MORAIS FILHO

caçador oculto é esticar o braço, às tontas, e puxar para dentro do buraco os pássaros que sua mão alcança, repetindo essa operação o mais rápido possível. Em pouco, a sua caçada alcança uma centena de avoantes. Na ânsia de voar e escapar à morte, umas atrapalham as outras, confundem-se, empurram-se, fazem um ruído infernal. Muitas conseguem fugir, outras são agarradas e vão mais tarde repousar tranqüilamente no estômago do sertanejo.

Assim vivemos e morremos nós nesta vida inglória. Não há destino, nem livre arbítrio. Tudo isso é palavra vã e conversa fiada, que os sacerdotes de todos os tempos sempre impingiram à humanidade. Vivemos aos empurrões, aos trancos e solavancos, numa confusão tremenda e geral, sem saber de onde viemos e nem para onde vamos. Presos na cronométrica engrenagem do determinismo universal, damos gritos, temos fome, comemos, tomamos o ônibus, beijamos as mulheres, temos saudades, temos ódio, temos esperança, mas tudo isso inocentemente, mediocrementemente bom e mediocremamente mau. O sujeito que encontrou um câncer no seu caminho fez a mesma coisa que aquele outro que não o encontrou, isto é, nada. Nenhum dos dois fez nada. Um teve azar, ficou tuberculoso; outro teve sorte, não ficou tuberculoso. Ninguém faz nada para a casa não cair na sua cabeça, para o automóvel não subir num poste, para uma pedra não lhe achatar a cabeça justamente no momento em que vai passando por baixo dela.

Se as avoantes falassem, as que escaparam começariam a contar prosa: — eu escapei, porque sou inteligente, vi a mão do homem, compreendi o perigo e dei o fora.

Mentira, pura mentira. As que escaparam eram tão ingênuas e inocentes como as que caíram na armadilha. Tiveram mais sorte, nada mais. Como conseguiram fugir, ainda têm fôlego para aguardar a próxima vez e enquanto isso aproveitam o tempo para contar prosa. Assim seriam as avoantes, e são, entre nós, os velhos que chegam aos noventa anos.

— Por que o Sr. viveu tanto, como chegou a esta idade tão avançada?

— Muito simples, não sabe, não?! Porque sempre me deitei cedo, não fumo, não bebo, não sou dado a mulheres, nem me emociono muito.

Mentira, mentira igual a da avoante. Esse cidadão está vivo pela simples razão de que ainda não morreu, nada mais. A vida anda cercada de morte por todos os lados, dentro e fóra do indivíduo está sempre aquele velho de foice a espreitá-lo. Quando menos se espera, lá vem o icto cerebral, o enfarto do miocárdio, a telha na cabeça, a bala perdida, e adeus Mr. Chips... Sempre e em tôda parte, confusão, emaranhados de linhas, nós cegos, amontoados de acasos. Nisso tudo só há um jeito, tocar um tango argentino, ou jogar futebol. Pode ser que se consiga um "goal" de letra no meio da confusão geral...

HÁ algum tempo assisti num dos nossos cinemas ao espetáculo da caça das avoantes, umas avezinhas do Ceará e do Piauí, parecidas com a pomba-rola, que vivem sempre aos montes como as andorinhas, mortas de sede naqueles ceus excessivamente claros e longínquos, à procura de uma gotinha d'água perdida por entre os altos e baixos do terreno seco e duro. Sabendo disso, cava o sertanejo um fundo buraco ao lado das poças, camufla-o cuidadosamente com galhos de árvores e mette-se nele à espera que dali se aproximem as ingênuas avezinhas, inteiramente alheias ao perigo que estão correndo. Quando a poça já se encontra bem coberta de avoantes, umas pousadas no chão, outras ainda esvoaçando em torno aguardando a vez de molhar o bico, o único trabalho do

